



JOÃO FRANCISCO FERNANDES DOMINGOS

**TRANSFERÊNCIA E INTERPRETAÇÃO NO ENFOQUE DE
FREUD, WINNICOTT E BION**

CANOAS - 2022

JOÃO FRANCISCO FERNANDES DOMINGOS

**TRANSFERÊNCIA E INTERPRETAÇÃO NO ENFOQUE DE
FREUD, WINNICOTT E BION**

Trabalho de Conclusão de Curso ao
título de Bacharel em Psicologia pela
Universidade La Salle.

Orientação: Julio Cesar Walz

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	7
2.1 Transferência e Interpretação em Freud.....	7
2.2 Transferência e Interpretação em Winnicott.....	10
2.3 Transferência e Interpretação em Bion.....	12
3. METODOLOGIA.....	13
4. RESULTADO E DISCUSSÃO.....	10
4.1 E1 - Quanto ao Tempo.....	14
4.2 E2 - Quanto ao Objeto Especular.....	16
4.3 E3 - Quanto ao Setting e Estrutura de Personalidade.....	18
4.4 E4 - Quanto à Interpretação.....	19
5. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS.....	21
6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

RESUMO

Este estudo teve como objetivo investigar a interpretação da transferência nas obras de Freud, Winnicott e Bion. Por meio de um delineamento revisional descritivo, buscou-se explorar a compreensão de cada autor ao binômio transferência e interpretação. Como forma de se estabelecer um provável confronto epistemológico, foram selecionados os elementos de transferência quanto ao tempo, figurativo especular, setting e estrutura de personalidade e interpretação; no trabalho da dupla analítica. Dentre as vertentes apuradas, pode-se relacionar a interpretação de Freud voltada para a identificação das imagos parentais em presença clínica, e a conseqüente dissolução neurótica convertida em complexo de Édipo. Em Winnicott quando o sujeito se tornar apto a reconhecer a sua condição pré-neurótica por falha ambiental; e, em Bion, quando o sujeito se torna apto a abandonar a sua onipotência de saber e se dispor a aprender dentro de um princípio de verdade-realidade do inconsciente - a incerteza. Pode-se concluir que a interpretação da transferência vem implicada com o vínculo da dupla analítica, e que o corpo teórico psicanalítico atua como fundo facilitador ao psicanalista, pela interposição na experiência clínica a resultados de análises mais favoráveis.

Palavras-chave: Psicanálise. Elementos de Transferência. Figurativo Especular. Setting. Tempo Psicanalítico.

1 INTRODUÇÃO

Em consonância com Zimerman (2007), um *setting* analítico pode ser definido como um evento onde o analista por meio de sua intuição observa o fenômeno que emana da dupla analítica, tanto a sua volta como em sua realidade interior, enquanto tenta direcionar tal dinâmica a uma hipótese ou conjectura relacional típica a um determinado modelo de funcionamento psíquico, plausível de modulação e de movimento. Se algo assim pode revelar-se, pode também ser assumido em responsabilidade e funcionalidade plena, perante aqueles que se apresentam em semelhança. Logo, um propósito de transferência em saúde mental, no sentido do paciente em relação ao analista, vislumbra a possibilidade de um futuro melhor àquele, que reside em sofrimento psíquico.

Consoante Freud (1930), “não é fácil lidar cientificamente com sentimentos”. No campo desta problemática reside justamente o objeto de estudo – o inconsciente, com suas características de complexidade, imaterialidade e subjetividade. (EIZIRIK; AGUIAR; SCHESTATSKY, 2015). Em psicanálise, o *setting* é um novo espaço, que o paciente conquista à espera de soluções para as antigas e penosas experiências afetivas que foram malogradas em seu passado remoto (ZIMERMAN,2008). Dentre os fenômenos que mais impactam no campo do vínculo analítico, a transferência e a interpretação são os dois eventos mais relevantes à análise, nesse encontro por busca de outros significados. Contudo, ocorrem divergências, entre os autores da área, no que tange ao reconhecimento, diferenciação e interpretação da transferência (TYSON; EIZIRIK, 2015).

O termo transferência foi adotado por Sigmund Freud e Sandor Ferenczi para cunhar o “*modus operandi*”, ou trabalho, no campo da psicanálise, após o abandono das técnicas preliminares da hipnose, sugestão e catarse. O vocábulo que advém por entre diversas áreas da sociologia, coube à psicanálise para com os conceitos de deslocamento, transporte, substituição, entre outras performances que indicam o movimento de um a outro lugar, sem que essa operação venha afetar a integridade do objeto em questão (ROUDINESCO; PLON, 1998). Freud referiu-se a ela como um fenômeno

universal e a parte mais difícil do tratamento psicanalítico (TYSON; EIZIRIK, 2015).

Já o termo interpretação, aproveitado por Freud para dar uma significação ao conteúdo latente do sonho, como forma de demonstrar a forma da psicanálise evidenciar o desejo inconsciente de um sujeito, passou a designar qualquer intervenção psicanalítica no intuito de fazer o sujeito compreender a significação inconsciente de seus atos e/ou discurso. Ela vem considerada como único instrumento disponível ao psicanalista ao trabalho do processo inconsciente, pertinente aos ditos, lapsos, sonhos, atos falhos, resistências, transferências entre outras modalidades metapsicológicas. Freud adverte que ela é limitada ao processo psicanalítico, e que assim deve ser manejada em função de um certo número de regras, dentre elas o cuidado de não ceder a uma atitude supersticiosa, paranóica ou maníaca, interpretativa ou sugestiva, segundo a qual tudo seria interpretável (FREUD, 1901; ROUDINESCO; PLON, 1998)

A despeito da advertência de Freud (1912) para o estrago do uso desenfreado dessa técnica, a interpretação parece ter caído no gosto passional de psicanalistas inexperientes das mais variadas correntes psicanalíticas. O gozo interpretativo alcançou ressonância tanto em freudianos, quanto em kleinianos ou mesmo lacanianos indiferentemente, pelo recurso do apelo à simbologia fálica, ao pré-cognitívismo odioso e aos matemas significantes respectivamente, em deferência aos pressupostos epistemológicos dos autores citados. O que reside em comum nesta forma de psicanálise vem principalmente da dificuldade de interpretação, diante da plena transferência fusional com o analisando. Para Freud (1937), tal atitude onipotente da interpretação só poderia ser temperado com um outro processo, o da construção, ou seja, a validação da interpretação somente quando coerente a significação global da história do sujeito, e não quando aprisionada a detalhes sintomáticos (LAPLANCHE; PONTALIS, 1991).

No exercício do Estágio Específico ao título de psicologia pela Unilasalle, a minha opção pela abordagem psicanalítica, para a clínica dos pacientes a mim alocados desde os atendimentos iniciais, acabou deflagrando uma inquietação pertinente a estes dois processos de trabalho, diante da

fenomenologia implicada na psicanálise. A isso me surgiu o seguinte questionamento: afinal, no âmbito do *setting* psicanalítico, a transferência é passível de interpretação? Considerando a colocação de Laplanche (1991), de que “a transferência é classicamente reconhecida como o terreno em que se dá a problemática de um tratamento psicanalítico, sendo a sua instalação, as suas modalidades, a sua interpretação e a sua resolução que caracterizam este”, a proposta deste trabalho visa buscar a compreensão desta temática, por meio da interpretação transferencial elaborada em três campos da teoria psicanalítica. Assim, o objetivo deste estudo revisional é o de buscar nas obras de Freud, Winnicott e Bion, a interpretação que esses autores concedem à transferência, como forma de melhor elucidação daquela que acontece em campo prático. Como objetivo operacionalizado, o estudo buscou explorar alguns elementos de transferência em comum a cada um destes autores, e por entre as suas dinâmicas interpretativas próprias no exercício da psicanálise.

Ainda, segundo Laplanche (1991), o grande mérito da interpretação reside no “tratamento”, ou seja, na forma de comunicação que é feita ao sujeito, visando dar-lhe acesso ao sentido latente que emana em suas palavras e nos seus comportamentos, segundo as regras determinadas pela direção e evolução do tratamento. Assim, a relevância deste estudo se ancora sobre a importância da habilidade no desenvolvimento da comunicação quanto à produção do inconsciente, portanto vindo a atender aos interesses de analisando, analista e a todo o complexo-suporte, envolvidos na prática da psicanálise, e demais abordagens de orientação psicanalítica, quando a procedência do teor comunicativo se tratar da subjetividade do indivíduo em sofrimento psíquico.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Transferência e Interpretação em Freud

Freud reúne em seu texto – A Dinâmica da Transferência (1912), a forma que considera ser o papel da transferência: tanto decorrente, quanto desempenhador do trabalho analítico. Ela é descrita como um clichê

estereotípico, diretamente implicado na formação da personalidade do sujeito, que se atualiza constantemente por repetições e reimpressões, como um método específico próprio e contínuo de condução do indivíduo na vida erótica. Segundo Freud, somente uma parte daqueles impulsos determinantes do curso da vida erótica passou por todo o processo de desenvolvimento psíquico destinando-se à realidade, à personalidade e lhe sendo constitutivo (*introjeção primária – consciente*). A outra parte retida desse curso de desenvolvimento mantém-se afastada, fora e impedida da realidade consciente, encontrando expansão tão somente em fantasia, ou permanecendo completamente no inconsciente, assim, inclusa (*projeção primária - inconsciente*).

Quando a necessidade de amar de alguém não encontra ressonância na realidade, ambas as partes da libido envolvida no processo amoroso, consciente e inconsciente, envolvem-se no desempenho de uma antecipação, por idéias libidinais, a cada encontro com uma nova pessoa (fantasia). A essa modalidade de catexia libidinal, aderida à insatisfação do sujeito, é que Freud esclarece a dialética erótica por entre analisando e analista (identificação). Consoante Freud, o indivíduo formula séries de protótipos estereotípicos onde deposita sua reserva de catexia (*setting*), incluindo a figura do analista em uma dessas séries de imagos parentais. Isso permite a transferência transitar por matizes de cunho materno, paterno, fraterno, entre outros. Conteúdos antecipados (fantasiosos) são pertinentes à consciência (*introjetivos*), porém quando na transferência para o analista surgem outros que escapam à razão (*afetivos*). Assim, a procedência libidinal não se acha exclusiva à parte consciente da personalidade, mas também àquela retida ou inconsciente.

Nessa dinâmica, Freud aponta duas peculiaridades implicadas ao seu modelo psicanalítico de transferência. Primeiro, pelo fato dela ser bem mais intensa em sujeitos neuróticos em análise, do que àqueles não analisados. Segundo, pelo enigma da razão dela surgir em análise como a resistência mais poderosa ao tratamento, enquanto que fora dela, deva ser encarada como o veículo mais promissor de cura e condição de sucesso. Com isso Freud abre a dialética da interpretação da transferência. Em sua percepção, para a questão dos neuróticos (*introjetivos*), as associações interpsíquicas analisando-analista são quem determinam o ponto de corte da transferência. Se elas (essas

associações triangulares respectivas entre analisando-analista) faltam, diz do paciente estar vinculado, em garantia, pelo analista ou algo a ele relacionado (relação alienada). Porém, se são retidas, parecem fazer surgir um poderoso meio de resistência, que tão logo permite ao paciente o *insight* de tal condição estar diretamente relacionada ao domínio da sua própria neurose. É desta forma que a transferência, em análise, se mostra mais intensa e de maior potencial de resistência, uma vez que conjuga a realidade interpsíquica de analisando e analista perante a condição de dupla analítica.

Para o fato da transferência se apresentar como resistência em psicanálise, Freud aponta o mecanismo que atende à introversão que diminui a parte da libido, dirigida à realidade e que pode se tornar consciente, enquanto aumenta, em proporcionalidade, a parte da libido dirigida para longe da realidade, e que é inconsciente. Nesse curso regressivo, a libido revive as imagos infantis do indivíduo; e o trabalho analítico de resgate à realidade quando se depara com a libido retirada em seu esconderijo, provoca um embate contra todas as forças regressivas da libido, que desenvolvem uma poderosa resistência, a fim de permanecer neste fantástico *status quo* infantil. Quando algo de tal material complexivo serve para ser transferido à figura do analista, a transferência ocorre e já produz a associação seguinte que se anuncia como novo sinal de resistência. Dessa forma, a idéia transferencial penetra na consciência à frente de quaisquer outras associações possíveis, porque ela satisfaz a resistência prevista. Entende-se disso, que a transferência atua como uma forma de falso aporte à resistência da consciência para com o conteúdo inconsciente, já que ela de fato revela conteúdo inconsciente – assim, uma forma de driblar a consciência repressora, e livrar o sujeito de sua neurose, aos poucos.

Freud ainda categoriza a transferência quanto à figura do analista ou da instituição. Como positiva ou de amor, quando favorável, portanto de caráter introjetivo; e como negativa, quando hostil, de ódio, ou de caráter projetivo. Os conteúdos amorosos ainda podem se comportarem sintônicos, afetuosos ou complacentes à consciência, quanto assintônicos, eróticos, ou tendenciosos à perversão da mesma. Porém, de uma forma ou de outra a transferência se mostra sempre vinculada à sexualidade; sendo, o manejo do potencial sexual

quem vai determinar o caráter que a transferência assume, inclusive para àquela de forma ambivalente (amor e ódio ao mesmo objeto).

2.2 Transferência e Interpretação em Winnicott

Assim como Freud focou sua concepção de transferência explorando a sexualidade humana, em um aparelho psíquico '*a priori*' estabelecido de um modo suficientemente bom; Winnicott (1955-6/2000) avança a teoria analítica, ocupando-se com a transferência através do como cuidar de crianças, durante a formação de tal aparelho psíquico. Por um olhar retrospectivo, o autor encontra na relação mãe-bebê o ambiente ainda não diferenciado capaz de ser considerado o cenário da identificação primária do vir a ser um indivíduo. Na relação mãe-bebê primária, o bebê vem com o seu processo de diferenciação já ativado ou ainda reside em dependência absoluta no ambiente imediato e em seu comportamento. Desta constatação, a análise pode ser expandida para casos fronteiros ou daqueles de momentos psicóticos. Com isso o conceito de transferência em Winnicott ficou ampliado, tendo em vista que nestas fases de tratamento ainda não é possível considerar o ego uma entidade estabelecida. Diante da condição de precariedade de ego, não há consistência de neurose de transferência, nem de mecanismos de defesa contra a ansiedade de origem instintual. O que se traduz em um pleno estado de inimizabilidade sobre as ocorrências decorridas – um primeiro lugar de dependência absoluta.

Para Winnicott, a partir deste estágio de dependência absoluta, a adaptação do ambiente torna-se fundamental para a formação do ego. Quando suficientemente boa, com o tempo, surge o ego (consciente) capaz de obter a experiência de impulsos do id (inconsciente). Porém, quando não suficientemente boa, surge no lugar do ego um pseudo-eu (falso self) que consiste numa coleção de reações a uma sucessão de falhas na adaptação primária. No estágio original, não é percebido nenhum sentimento de dependência – identificação primária (eu verdadeiro). No entanto, quando o ambiente falha na tarefa de adaptação – identificação secundária (falso-eu), ele vem automaticamente registrado na forma de intrusão e de desmantelamento do que seria a probabilidade de individuação do ser.

Segundo Winnicott, em tal situação é o inconsciente do paciente quem lidera o processo analítico, sendo seguido com exclusividade pelo analista. O falso-eu é um aspecto do eu verdadeiro, que o oculta, o protege e se põe à reação das falhas de adaptação, preservando assim a continuidade do ser. Contudo, o eu verdadeiro, residindo encriptado, sofre o empobrecimento devido à falta de experiências, enquanto o falso-eu pode alcançar, inclusive, uma integridade ilusória e falsa (falsa força egóica). Para lidar com essa pseudo maternagem, em falso-eu, o analista precisa lidar com a tendência regressiva do paciente, liderando o seu inconsciente, evitando tornar-se diretivo e até mesmo sair do seu papel. Para esses casos, o contexto analítico (somatório de todos os detalhes relativos ao manejo) torna-se mais importante que a interpretação. É o comportamento suficientemente bom do analista, em matéria de adaptação à necessidade, que é capaz de suscitar gradualmente no paciente, a percepção da esperança de que o verdadeiro eu poderá finalmente correr os riscos implícitos em começar a experimentar viver.

Uma característica diferencial dessa transferência, nesse estágio de desenvolvimento emocional primitivo, é o de permitir que o passado do paciente se torne presente. Em algum momento do trabalho, o falso-eu vai se entregar ao analista, uma vez que se trata de um tempo profundamente regredido, de muita dependência, muito risco e muita dor, porque o paciente tem consciência da situação de risco iminente, até para internação; o que não ocorreria com o bebê na situação original. Aqui, o processo interpretativo ocorre na forma de uma realização simbólica, onde o presente do paciente retorna ao passado e é passado; enquanto, o analista vê-se em confronto com o processo primário do paciente, em situação de seu valor original. A partir dessa transferência, através do deslocamento do falso-eu para o verdadeiro eu, a expensas do analista, a análise normal das defesas do ego contra a ansiedade pode finalmente começar, e a análise assumir o seu caráter convencional daquele do das neuroses. Outra característica diferencial da transferência em Winnicott trata, portanto, da capacitação ao paciente para o enfrentamento de suas falhas – a de apoderar-se de um exemplo de falha original e zangar-se a seu respeito, configurando, assim, uma espécie de perlaboração do ódio primevo ao caso, como ponto de partida à análise

convencional. E isso vem sempre observado quando a transferência negativa da análise em neuróticos é substituída por uma raiva objetiva contra as falhas do analista, que, assim, serve de veículo para que o paciente elabore a sua falha de adaptação original, agora, sim, em um contexto de realidade psíquica.

2.3 Transferência e Interpretação em Bion

Para Bion (2004), o fenômeno da ambivalência é uma condição inerente da análise. Nesse sentido, o viés analítico vem em termo de transferência-contratransferência em confronto ao termo resistência-contrarresistência, sendo a resistência o objeto de análise. Para o autor, a transferência está sempre presente diante do aspecto do comportamento do paciente, quando ele revela conhecimento direto da presença de um objeto que não seja ele mesmo. Ocorre a transferência diante da situação de concentricidade, ou seja, o paciente ajusta uma importância central em relação com o fato central (“O”). Todo o comportamento do paciente vem a refletir a presença de um objeto que não é ele mesmo. Nesse sentido, o paciente se faz sintoma e busca no analista a sua localização decorrente – o transfundo resposta impossível de desgraça.

No processo de transferência, a relação com o analista torna-se importante apenas como uma tarefa transicional. Algo efêmero, passageiro, que ocorre no seu deslocamento de um para outro lugar. E isso depende do analista se permitir que aquilo que o paciente diz a ele entre em seu âmago, e que salte fora, como sendo o seu próprio interior refletindo-se para fora. Bion ainda adverte sobre as sombras de significados implicados na palavra “transferência”, como a que designa “transiente”, transitoriedade aplicável em momento em que dois caminhos se cruzam por um curto espaço de tempo, o qual o paciente emprega um modo de comunicação em que o analista é capaz de receber, mas não sabe como é feito. Portanto, a transferência em Bion, faz-se no intercurso da interface durante o encontro analítico, para conteúdos eclipsados às duas instâncias presentes – um veículo de comunicação primitiva. Para Bion, o potencial inter-relacional de união ou separação, e não o significado de papéis individuais, é o que move a transferência. Assim, o compromisso paciente-analista, na condição de dupla, é da ordem do real, ou seja, de comprometimento, onde um se vê implicado no outro, diferentemente

daquele lugar de analista feito uma pantalha transferencial, ou fantasia onipotente, conforme dizer de Zimerman (2008).

Bion também aponta para a ambivalência do paciente na condição transferencial. Ele não se relaciona unicamente com o analista, mas também consigo mesmo. Apresentando-se em paradoxo, mostra sujeito a todas as contradições possíveis, permeando consciente e inconsciente indiscriminadamente. Para esse contexto de instabilidade iminente, suscetível ao contínuo movimento de eliminações tóxicas contra o analista, Bion afirma que o objetivo essencial da interpretação vem tão somente para introduzir o paciente à pessoa mais importante com que ele jamais poderá lidar, ou seja, com ele mesmo. Assim, a interpretação pode ser traduzida como uma forma de elaborar uma forma de fechamento do circuito cognitivo primitivo do paciente, por ele mesmo engendrado, o que vem a tornar-se uma situação irrefutável quanto ao modo de reagir negativamente à proposta terapêutica. A interpretação da transferência, assim é peculiar, pois se refere a todo material sem discriminação, entre os dois princípios do funcionamento mental: prazer/dor e realidade (PS \rightleftharpoons D); mas é altamente seletiva ao avaliar a importância desse material. A importância das informações que o paciente comunica decorre de seus próprios critérios. O analista está restrito a interpretações que expressam relação de conhecimento (K) com o paciente; elas não podem ser expressões de amor (L) ou de ódio (H).

3 METODOLOGIA

Visando uma melhor compreensão de como cada um dos autores, aqui, citados, lidam com a interpretação da transferência em suas respectivas teorias psicanalíticas, este estudo foi delineado como revisional descritivo, onde por meios de alguns descritores diretamente vinculados a cada um dos autores, buscou-se compreender os movimentos peculiares que cada um deles tende a designar a condução do processo transferencial. Dentre os variados elementos de transferência plausíveis, foram selecionadas apenas as relações quanto ao tempo, à imagem especular, ao *setting* e estrutura de personalidade, bem como quanto à interpretação do ponto de vista dos autores em estudo. Os

elementos selecionados ao confronto foram, portanto, aqueles que parecem representar, em teoria, uma maior relevância entre os autores, o que pode ser traduzido como pontos de divergência entre si, não somente quanto ao cunho epistemológico, mas também do ponto de vista do manejo clínico, quando enfrentados na rotina do processo terapêutico convencional pertinente à clínica psicanalítica.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

O Quadro, abaixo, constitui, em amostra, a seleção das relações interativas plausíveis, entre os autores estudados, para os elementos de transferência pertinentes ao manejo do processo terapêutico na clínica psicanalítica.

ELEMENTOS DE TRANSFERÊNCIA (E)	AUTORES EM ESTUDO		
	FREUD	WINNICOTT	BION
E1 – QUANTO AO TEMPO (PRESENTE)	PASSADO (inconsciente)	ULTRA PASSADO (ajustamento local)	ULTERIOR (espaço-tempo)
E2 – QUANTO AO ESPECULAR (FIGURATIVO)	UMA IMAGO (parental)	UM AMBIENTE (transicional)	UM SABER (variável interveniente)
E3 – QUANTO AO SETTING E ESTRUTURA DE PERSONALIDADE	LOCAL ESPECÍFICO (neurose)	FALHA AMBIENTAL (limítrofes)	CESURA (função alfa)
E4 – QUANTO À INTERPRETAÇÃO (ASSOCIAÇÕES)	IDENTIFICAÇÕES (Dinâmica das repetições)	ESPAÇO POTENCIAL (o estado de repouso)	TRANSFORMAÇÕES (contato com a realidade)

E1 – Quanto ao Tempo.

O tempo é um fator crucial em psicanálise, é nele que o processo de transferência se afirma. Freud inventou o tempo psicanalítico ao perceber que o lapso de tempo não é nada vazio. A dupla analítica se constitui em um

desses lapsos, um espaço de tempo. Uma dupla analítica é justamente uma comunhão entre uma associação livre de ideias e uma interpretação associativa, a primeira carregada de passado, enquanto a segunda, em oferta de silêncio do presente. Tal ressonância resume o tempo analítico (HANNA, 2010). Para Freud, o tempo psicanalítico é o tempo metapsicológico, pois é dele que o passado descarrega-se em afetos perdidos sobre o presente contínuo. São os atos falhos, sintomas, sonhos e chistes, em seus polimorfismos, os agentes desse tempo. O tempo freudiano vem assim assinalado pelo psicanalista, é o tempo da atenção psicanalista, é o tempo do vir a ser consciência.

Para Winnicott, o tempo freudiano pode carecer de uma transição pregressa – algo que vem do “par”, dos níveis de consciência pareados antes do “ser” indivisível, ‘consciente-mente’. Uma condição simbiótica, verdadeiramente falsa, mas que o ego faz questão de percebê-la intacta em agonística e ódio (fusionada). É assim o tempo do paciente, o tempo necessário ao processo de separação e individuação não experienciado a bom termo, na condição de primaridade. Assim, no tempo winnicottiano, antes das associações livres precedem as regressões e jogos no campo analítico (KUPERMAN, 2008).

Em Bion, o tempo analítico assume o escopo de uma dimensão espaço-tempo, pertinente ao contexto do complexo transferencial de transformações. Um tempo de intercurso entre o antes (*a priori*) e o depois (*a posteriori*) da ocorrência fenomenológica psíquica; e um espaço consentido a uma experiência emocional, diante da transição de fatos indigestos (elementos-beta) a fatos palatáveis (elementos-alfa). Ou seja, um tempo de consubstanciação a elementos acessíveis às construções oníricas e a pensamentos, no âmbito da saúde mental - um tempo do “aprender com a experiência”. Nesse percurso temporal, Bion atribui prioridade cronológica aos elementos-beta, devido ao risco de comprometimento que o excesso deles, através da identificação projetiva, pode causar à função do pensar - função alfa, durante o trabalho de execução da capacidade para o lembrar aliada à capacidade para o esquecer, sendo isso o que permite a cada sessão tornar-se uma nova, ou uma situação desconhecida a se investigar. O tempo

psicanalítico em Bion é, portanto, o tempo de ocorrência da experiência emocional, o tempo que a cesura (abertura espacial) permite ao trabalho de transferência como transformação. Ou seja, o tempo para que a máquina do pensar aconteça como método válido à análise dos fatores imbricados na questão do conhecimento de verdade de um em relação ao outro (BION, 1991; SANDLER, 2010; FIGUEIREDO, 2011; TRACHTENBERG, 2013).

E2 – Quanto ao Objeto Especular

A transferência de objeto especular, que cativa o paciente em sua doença mental, é o que se espera tratar em uma proposta terapêutica psicanalítica. Para Freud (1920) tais objetos correspondem a imagos parentais afetivamente ratificadas pela mesma dinâmica, de retirada e aproximação de cena, tal qual a ocorrida por ocasião da primeira experiência emocional de transferência de afeto mãe-bebê (fort-da). O psiquismo da criança aprende a replicar esse ritmo motor primário de concepção para as suas imagens afetivas, vindo a repetir-se em situação contemporânea como algo estranho familiar (FREUD, 1919), sempre diante de um estímulo externo que o remete às experiências do passado e relegadas ao inconsciente. Assim, na doença, o passado fica ditando o presente a ser vivido. Para compreensão desse mecanismo aos quadros neuróticos, Freud (1905) desenvolveu o Complexo de Édipo, implicado no complexo de culpa que aflige o sujeito em seu modo de pensar e de agir em estado de estagnação de consciência. A transferência, em última análise, para Freud (1914), vem a ser a dissolução do complexo de Édipo, capaz de libertar o sujeito de seu próprio passado, pela dinâmica do recordar, repetir e elaborar (LOURENÇO, 2005).

Para Winnicott (1955-6) a dinâmica freudiana vem direcionada a quadros neuróticos com aparelho psíquico já pré-estabelecido. Diante de dimensões fronteiriças, ou de vulnerabilidade psíquica, a transferência 'a priori' precisa ocorrer no âmbito emocional primitivo - aquele que vai da compreensão de ambiente primário ao objeto transicional e às sucessivas representações em objetos simbólicos; a chegada a um estado de sujeito sobre o qual o mecanismo freudiano passa a ser, então, continente. Em Winnicott (1945) a mãe é o primeiro ambiente do bebê e o objeto transicional a primeira

transferência que ele faz dela; sendo que este objeto primário precisa ser destruído para que a mãe possa ser preservada, como fonte ao porvir. Tal dinâmica de transferência negativa em simbólica representa o trabalho sobre o ódio básico na transformação do narcisismo primário, pré-psíquico, ao secundário, de aparato psíquico constituído simbolicamente (função materna). A falha dessa dinâmica recuperadora do ambiente transicional incomposto (falha básica) aparece na clínica das psicoses. É justamente o encontro com a alteridade, o vínculo materno, que está no horizonte do enigma que cerca os destinos da transferência no final da análise (KUPERMANN, 2008).

Em Bion, os fatores emocionais representam os conteúdos funcionais. Através da observação da função (o drama em questão da experiência emocional), tais fatores, em atos, evidenciam distúrbios graves de pensamento, em termos de origem. Psicicamente, ódio e amor estão interligados, sendo impossível a eliminação de uma fonte emocional sem a destruição da percepção de todos os sentimentos. Neste viés a compensação material não permite à personalidade nada além da ilusão de comodidade, com um superávit na ânsia de amor se transformando em voracidade e arrogância, finalizando em um estado de aniquilamento da preocupação com a verdade. Bion reconhece, no especular, o contexto morbígeno da não-experiência (elementos-beta) ou da experiência perturbada (função alfa perturbada) traduzidos na clínica pelo pensamento onipotente. O especular em Bion é equacionado, a partir da onipotência, para os fatores amor (A), ódio (O) e saber (S), com a possibilidade de se trabalhar um saber (S) improvável. Ao tornar o amor (A) e o ódio (O) compreensíveis a um compartilhamento mútuo para um saber (S) em comum, pode-se concluir que nenhum deles, amor (A) ou ódio (O), independentemente um do outro, fica apto a determinar um saber (S) do outro. Assim, ao evidenciar a onipotência, pelo colapso do princípio do prazer ao princípio da realidade, a equação de Bion vem no sentido de se interpor recursos na experiência emocional, similarmente conjugados em inconsciente-consciente, de forma a elucidar a razão esquecimento-rememoração pertinente a um saber improvável, e, portanto, fora da onipotência. Na matemática de Bion, para a natureza das transferências em psicanálise, o saber (S) é sempre uma variável interveniente, enquanto, amor

(A) e ódio (O), independente e dependente respectivamente (BION, 2004; SALVITTI, 2006; LABATE, 2011).

E3 – Quanto ao *Setting* e Estrutura de Personalidade

Propriedade de *setting* e de estrutura de personalidade também podem se observadas como fatores implicados no complexo transferencial. Freud (1912, 1913) em suas recomendações à prática da psicanálise identifica claramente as regras de um *setting*, do seu ponto de vista, adaptado à condição da neurose. A maior parte não psicótica da personalidade é quem se sujeita ao processo psicanalítico. Muito mais que um lugar, Freud procurou firmar a ideia de *setting* sob a idéia de um contrato terapêutico. Contudo, em tal coorte, o compromisso pelas regras fundamentais não deixam de transitar pela iminência da transgressão, tão implicada na ilusão do crime original: “*há algo escondido, e assim há culpa implícita, pois quem esconde se sente conivente*”. Tal ética, de cunho dramático ou oracular (ontogênica), vem sedimentada no arcabouço do contrato a serviço do recalado, e representa um grande desafio para o analista não incorrer ao domínio da dinâmica da própria doença. Contudo, o analista não precisa se limitar a local específico, ele tem a capacidade de desenvolver um “*setting* interno” - uma atitude mental que o permite à prática da psicanálise em situações de realidade externa; distinta, portanto, daquela de reduto de consultório, como em pacientes hospitalizados, por exemplo. Tal assertiva passa ser uma forma de se desvencilhar do discurso calcado na hipótese definitória, em circuito fechado e de história causal. (MELTZER, 1986 / WILLIAMS, 2010; WALZ, 2019.)

Em Winnicott (1975), a idéia de *setting* vem implícita ao cenário do reaprender a se manter em jogo. Através da linguagem de natureza tática, prática e funcional as provações de concernimento implicadas em uma falha ambiental remota vem à tona perante os novos relacionamentos parentais, ou agregados. Para Winnicott, jogos, sonhos, alucinações e fantasias costumam andar juntos em intenções, tanto em crianças, quanto em adultos. A questão parece se tratar de um simples ajuste fino de linguagem, cujo intercurso permite ao analista à justa interpretação de que jogo se trata na realidade psíquica do paciente. A atmosfera do jogo é a de um impasse constante enquanto se joga. Transitoriedade, interdições, represamentos, transbordamentos entre outros

arroubos humorais são inerentes à fluidez dos jogos emocionais. O *setting* neste contexto vem a serviço do prazer, expressão da agressão, controle da ansiedade, aquisição de experiência, capacitação social, integração da personalidade e comunicação interpessoal, diante daquelas situações fronteiriças da vida por que passa o sujeito na formação do eu. Por fim, um *setting* que atende muito mais a uma ética de eficácia simbólica, ou antropológica (WINNICOTT, 1975; LACAN, 1998).

Em Bion, o *setting* é o ambiente propício da experiência emocional, o que passa a ser plausível a partir do conceito de cesura. Nesse interespaço é onde a função alfa opera as transformações do incognoscível em cognoscente. A função alfa, garantida pela experiência de contato com os objetos vivos, é a função que restaura o objeto de cuja investigação é o fenômeno da própria vida. A função alfa garante ainda mesmo a co-existência do equipamento mais rudimentar para o pensar de pensamentos associados a problemas do mundo inanimado – a identificação projetiva (tela beta). Diante de uma função alfa perturbada ou destituída, o sujeito fica prejudicado para escapar da simples condição de autômato. É desta forma que a função alfa pode ser entendida como um limiar que se interpõe na seleção e transformação dos elementos emocionais, enquanto abstrato, como forma de discernir uma personalidade de um estado de saúde ao de psicose. Vem dela, ainda, uma barreira de proteção (barreira de contato alfa) que separa o inconsciente do consciente, permitindo câmbio seletivo entre ambos, e participação na formação do processo mnêmico. A função alfa, assim como representa o *setting* para as imagos, é uma variável desconhecida que se usa para satisfazer a necessidade de abstração. Por ela as palavras podem assumir o verdadeiro papel de representação das coisas (papel de analista), ao invés do escopo de representação das coisas em si (desafetos). “Coisa” – elemento-beta, seria aquilo que pode e deve sofrer a transferência - para elemento-alfa: inscrição no simbólico (BION, 1991; TRACHTENBERG, 2013).

E4 – Quanto à Interpretação

As interpretações para terem eficácia clínica devem necessariamente ser capazes de gerar efeitos transformadores. Para Freud, o analista, em seu trabalho transforma em palavras os elementos que permitirão ao paciente

recordar-se do trauma, rememorando-o e vivendo-o com intensidade, de tal forma que pode se vê livre do sintoma que o mantém. Tal transformação, assim, é muito mais dependente da percepção do analista do que da técnica que pratica. Com isso, sintomas, associações livres de idéias, sonhos entre outros elementos de transferência, transformados em rememoração, permitem a interpretação por meio de cadeias associativas, de representação-coisa à representação-palavra, que conduzem ao efetivo processo de cura. Se uma experiência é constituída de fatos, ela seguramente pode equivaler a uma realização. Para que haja fatos e reconhecimento de fatos algum trabalho de simbolização já ocorreu criando elementos identificáveis, ou seja, dotados de alguma forma, de algum sentido, e podendo ser cabalmente experimentados, e nisso também fica implícita a noção de transformação dada à experiência. Assim, interpretação em Freud vem diretamente implicada à dinâmica das identificações - à marcação teórica das repetições parentais que se superpõe à subjetividade de cunho clínico, em nota, à provável renúncia do gozo residual quanto ao processo de castração; no escopo do Complexo de Culpa, transcrito a partir de Édipo (HONDA, 2011; FIGUEREDO, 2011; WALZ, 2019).

Para Winnicott, ingredientes brutos da experiência antes de qualquer processamento e antes de sua inclusão no psiquismo não cabem à interpretação. Assim, o que se interpreta em Winnicott não se trata nem de contemplação (âmago – o interno, dos trabalhos psicanalíticos); nem de comportamento (universo – o externo, das experiências místicas), mas sim de uma zona intermediária, um espaço potencial que o sujeito compreende como o seu “*locus habitata*”. Tal ambiente “propício”, para Winnicott, representa o verdadeiro Self, o “si” ou o “eu” na situação de se sentir cuidado – um potencial herdado que, para emergir, necessita da experiência vivida na relação com o outro - *preocupação materna primária*. Este ambiente facilitador é quem direciona o Self ao amadurecimento, ou ao vir a se desenvolver. Tal “potencial” implícito, sem forma ou significado a priori, na clínica, encontra sua expressão nos atos espontâneos. Essa condição de “*self-essência*” traduz o idioma da personalidade do indivíduo – a inscrição de sua vontade que vem estampada em *persona*. (WINNICOTT, 1975; HACK; SCHNEIDER, 2021).

No trabalho de Bion, a interpretação tem a ver com o estado de hipersensibilidade que o paciente apresenta a seus conteúdos afetivos mais primitivos. Se há apenas elementos-beta surge a impressão de que o paciente seja incapaz de discriminar os fatores de suas respectivas funções, não conseguindo deixar de perceber o menor estímulo sensorial, para fechar um circuito que não trará contato com a realidade. O paciente demonstra sentimentos, mas não pode aprender com eles. Tal situação é pertinente com a incapacidade para refugar ou ignorar qualquer estímulo (falso positivo). Em tal estado de economia cognitiva, há capacidade de percepção de significação para as impressões sensoriais, mas o paciente se sente incapaz de discernir o sentido específico, apelando para o absoluto (onipotência). Bion aprendeu a identificar tal estado confuso de consciência como identificação projetiva (tela-beta: SP⇌D) e propõe ao analista, o exercício da parte da personalidade, cujas funções são desconhecidas pelo paciente, o que vale dizer, assumir a consciência do paciente. A transferência se dá diante de um contato suficiente com a realidade, ou seja, quando o paciente provoca no analista, sentimentos que não aceita, ou que deseja que ele sinta tal qual pretendia em sua relação primordial bebê⇌mãe. Tal dinâmica experimental denuncia uma verdade emocional de intolerância à frustração, aquela estigmatizada pelo contexto do seio mau (complexo de culpa ⇌ ódio por não ter sido atendido a contento). Portanto, em Bion, a experiência analítica (transferência) é a “realização” - em coisa real/fato; enquanto a interpretação é a “representação”, pela palavra que traz verdade à experiência emocional específica. (BION, 1991; FIGUEIREDO, 2011).

5 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A psicanálise foi o método elaborado por Freud como forma de comunicação ao indivíduo de sua própria experiência emocional por entre os seus afetos, através da dialética transferência-interpretação, como leitura do inconcebível ao concebível. Culturalmente, a transferência pode ser representada pelo engenho da transformação do fator emocional primário (sentido implícito) em sentimento secundário (sentido explícito). O valor emocional do sonho vem e segue inerente para mais ou para menos à

representação em personalidade. Daí surge uma espécie de vínculo do antecessor ao predecessor inconscientes, para uma nova ordem, provavelmente consciente.

A interpretação foi a (re)invenção freudiana da comunicação de transferência à clínica psicanalítica. Por ela, Freud ousou identificar e assinalar o colapso de um fantasma arcaico do passado no mundo presente e contemporâneo do paciente. Uma dobra temporal encarnada pelo analista, capaz de permitir ao paciente o acesso à apreensão da ambiguidade de sua personalidade, e à sua própria medida. Um lapso comunicante instantâneo que para Freud representava uma súbita e repentina abertura do inconsciente, denotando toda uma verdade de incompletude irrefutável, naquele momento histórico e específico da análise, tal qual fora em vivência do paciente. Em síntese, interpretação em Freud corresponde à dinâmica das identificações.

A interpretação como instrumento de análise rapidamente também se transforma em objeto de desejo e de domínio, e com isso insurge a diáspora no campo psicanalítico. Winnicott não se absteve do vínculo psicosexual da transferência freudiana, porém antevê a propositura do método analítico à falha ambiental peculiar, do passado emocional da constituição psíquica do indivíduo. Nessa condição de déficit do dever de resguardo, não precisando ser necessariamente magistral, mas suficientemente bom; Winnicott aponta para um lócus habitat em que o sujeito necessita se reconhecer como analisando, previamente à missão neurótica freudiana. Assim, alguém aquém dos estereótipos neuróticos freudianos. A transferência ganhou, ainda, com Winnicott, um pressuposto básico psicótico primário - o de falso self; onde a interpretação passa a ser referida como o próprio manejo da situação analítica (handling).

A interpretação avança do âmbito interpsíquico, em Freud, para a de caráter intrapsíquico em Bion, onde a surpresa vigora pela ambivalência da personalidade. Posto este, em que a personalidade, em seu caráter dual, evidencia o cenário das contradições, ou do que é avesso à onipotência por um saber pressuposto diante da condição de dupla analítica. Nessa delicada abordagem condicional esquizoparanóide-depressiva, a interpretação assume ser episteme de um aprender com a experiência emocional, onde paciente e

analista se apresentam como co-partícipes ao legado de fatores emocionais antitéticos, com vistas a uma equalização tranferencial, do inconsciente ao consciente, intermediada por uma função mental completamente abstrata; contudo, em semântica, apta a evidenciar uma verdade – a da incerteza diante da realidade. Assim a interpretação em Bion passa a ser o resultado de uma função abstrata, restrita ao *setting* analítico; e, portanto, somente verificável *a posteriori*, o que consolida algo do irrecuperável.

Como forma de averiguar o *modus operandi* destes três autores, ao questionamento da interpretação da transferência, foram selecionados quatro elementos, por eles compartilhados no recurso clínico da análise. Assim, os elementos de transferência tempo (E1), especular (E2), *setting* e estrutura de personalidade (E3) e interpretação (E4) foram os elencados, neste estudo, como metodologia à possibilidade de um confronto epistemológico.

Através da descrição do nível de compreensão individual, pode-se perceber que E1, em Freud, corresponde ao tempo de identificação do fantasma que assombra o presente do neurótico. Em Winnicott, ao encontro do lócus onde o paciente percebe o ponto de mutação do defeito em seu percurso presencial. E, em Bion, ao de surpresa diante da cesura que se mostra subitamente entre o pré e pós acontecer da psique. E2 satisfaz a Freud como estereótipo ou imago parental atuante; a Winnicott, como falha básica, no sentido de defeito concepcional; e a Bion, como função matricial perturbada, ou de dúvida, entre um vir-a-ser e um não-vir-a-ser; a questão da escolha entre vida e morte. Em relação ao cenário da análise – E3, para Freud é uma questão de contrato, conforme a maior parte da personalidade. Winnicott recorre à linguagem emocional da tática dos jogos operísticos. Enquanto, para Bion, diz respeito à engenhosidade inerente à experiência emocional, na transição da trama ou da metamorfose personal. Por fim, em E4, Freud resolve através da nomeação, ou dissolução do complexo edípico vigente. Devolve-se à cultura o que dela se tomou emprestado, ou seja, o mito. Winnicott, pela fixação de uma “ponte” entre os dois paradigmas, o velho e o novo, a fim de permitir ao sujeito a liberdade do caminhar, conforme seu próprio arbítrio; ou seja, a cultura do auto cuidado. Enquanto Bion, pelo (re)conhecimento do inconsciente como primário e prioritário a qualquer nível de consciência

plausível, por ser fonte de expansão contínua e permitir, assim, à personalidade uma chance de atualização perene, ou seja, garantia de estado de presença à percepção – uma capacidade mental pronta à aprender. Em Bion, a esperança fria e pálida psicossocial de pandora ganha sangue.

No que tange aos elementos aqui abordados (E1, E2, E3, E4) é comum aos autores a menção a uma certa origem, utópica, sim, e conseqüentemente inalcançável, mas que vem regida pela doença mental como certificada. E por tal critério de onipotência vem denotada à presença narcísica de um eu-consciente, provável, diante da dura realidade de um eu-inconsciente, improvável. Os autores em seus esforços teórico-clínicos procuraram evidenciar seus limites epistemológicos para os fatos pertinentes ao sofrimento psíquico, cada um à sua própria experiência. Assim, ao problema levantado neste estudo, em princípio, se é possível interpretar a transferência, pode agora, melhor compreendido, ser enveredado para o dizer de, não através de uma resposta, ou série de respostas, mas, talvez, por meio de uma pergunta, ou série de perguntas, sempre focando o viés investigativo para a questão do vínculo que se estabelece na dupla analítica, pois que cada dupla, por fim, acaba gerando uma teoria própria. Contudo, a despeito de Freud, Winnicott e Bion, outras teorias residirem no escopo teórico da psicanálise, e todas, não como preceitos a serem seguidos para tratamentos de sucesso; mas, antes, como sinalizadores a facilitarem ao analista o seu próprio encontro junto ao analisando. É neste contexto que o binômio transferência-interpretação parece encontrar ressonância de singularidade na razão interpretante-interpretado, transferenciada em uma dupla simbólica.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BION, W. R. Elementos de Psicanálise 2ed. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

BION, W. R. O aprender com a experiência. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

FIGUEIREDO, L. C; TAMBURRINO, G; RIBEIRO, M. Bion em nove lições: lendo transformações. São Paulo: Escuta, 2011.

FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. [1901 – V. VI; 1912 – V. XII; 1930 – V.XVIII; 1937 – V.XXIII].

HACK, S. K; SCHNEIDER, R. F. Transitando com Winnicott. Terra de Areia: Triangulo Gráfica e Editora Ltda., 2021.

HANNA, M. S. G. F. O tempo e a invenção freudiana. Cadernos de Psicanálise: SPCRJ, v.26, n.29, p.71-85, 2010.

HONDA, H. O conceito freudiano de pulsão (trieb) e algumas de suas implicações epistemológicas. Fractal: Revista de Psicologia, v.23, n.2, p.405-422, maio-ago., 2011.

KUPERMANN, D. Presença sensível: a experiência da transferência em Freud, Ferenczi e Winnicott. Jornal de Psiquiatria, São Paulo: v. 41, n.77, p. 75-96, dez., 2008.

LABATE, J. C. T. C. Fato selecionado e possibilidade de restauração de função alfa. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 45, n.3, p.77-84, 2011.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu (1949). In: LACAN, J. Os escritos. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1998.

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J. B. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes Editores, 1991.

MELTZER, D. Studies in extended metapsychology: clinical applications of Bion's ideas. Perthshire: Clunie Press, 1986. In: WILLIAMS, M. H. O desenvolvimento estético: o espírito poético da psicanálise – Ensaio sobre Bion, Meltzer e Keats. Revista Brasileira de Psicanálise, v.44, n.2, p.177-184, 2010.

ROUDINESCO, E; PLON, M. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1998.

SALVITTI, A. Função-alfa e estilo de pensamento em Bion: uma aproximação por meio da experiência da alteridade. Percurso, v.37, 2006.

SANDLER, P. C. Sobre a transitoriedade: noventa e dois anos e dez mil quilômetros depois. Cadernos de Psicanálise. SPCRJ, v. 26, n.29, p.87-151, 2010.

TRACHTENBERG, R. Cesuras e des-cesuras: as fronteiras da (na) complexidade. Revista brasileira de psicanálise, v. 47, n.2, p.55-66, 2013.

TYSON, R. L; EIZIRIK, C. L. Transferência. In: EIZIRIK, C. L; AGUIAR, R. W; SCHESTATSKY, S. S. Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos – 3d. Porto Alegre: Artmed, 2015. [Cap. 16].

WALZ, J. C. Escuta não oracular: um aporte a partir de Wilfred Bion. Estudos de Psicanálise, n.51, p.1 171-176; Belo Horizonte: julho, 2019.

WINNICOTT, D. W. Da psiquiatria à psicanálise: obras selecionadas. Rio de Janeiro: Imago, 2000. [1945 – Cap. XII; 1955-6 – Cap. XXIII].

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZIMERMAN, D. E. Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ZIMERMAN, D. E. Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ZIMERMAN, D. E. Transferência-Contratransferência. In: ZIMERMAN, D. E. Bion da Teoria à Prática: uma leitura didática 2ªed. Porto Alegre: Artmed, 2008. [Cap. 25].